

JOJO MOYES

*Viver
depois de ti*

Tradução de Ana Maria Chaves
e Márcia Montenegro

Para o Charles, com amor

Prólogo

2007

Quando ele sai da casa de banho, ela está acordada, encostada às almofadas a folhear as brochuras turísticas que estavam junto à cama. Tem uma *T-shirt* dele vestida e os seus cabelos compridos estão tão desgrenhados que o fazem recordar a noite anterior. E ele ali fica, parado, a saborear a fugaz recordação enquanto enxuga o cabelo com uma toalha.

Ela desvia o olhar de uma das brochuras e faz beicinho. É provavelmente demasiado crescida para fazer beicinho, mas ainda tem graça, pois andam juntos há pouco tempo.

– Temos *mesmo* de fazer coisas que envolvam escalar montanhas e pairar sobre ravinas? São as nossas primeiras férias juntos a sério e não vejo aqui uma única viagem que não implique atirares-te de alguma coisa abaixo ou – finge estremecer – vestir roupas para o *frio*.

Atira as brochuras para cima da cama e espreguiça-se, esticando os braços tom de caramelo acima da cabeça. Tem a voz rouca, prova da falta de horas de sono.

– Que tal um luxuoso *spa* em Bali? Podíamos ficar estendidos na areia sem fazer nada... passar horas a ser mimados... noites longas, relaxantes...

– Esse tipo de férias não é para mim. Tenho necessidade de ação.

– Como, por exemplo, lançares-te de aviões.

– Não critiques sem teres experimentado.

Ela faz uma careta.

– Se para ti não faz diferença, acho que vou continuar a criticar.

Ele tem a *T-shirt* ligeiramente húmida e colada ao corpo. Passa um pente pelo cabelo enquanto liga o telemóvel, estremecendo ao ver a lista de mensagens que imediatamente surge no pequeno visor.

– Está bem – diz ele. – Tenho de ir. Faz qualquer coisa para o teu pequeno-almoço.

Debruça-se sobre a cama para lhe dar um beijo. Ela emana um aroma quente e perfumado, extremamente *sexy*. Ele inala o perfume do seu cabelo e, à medida que ela lhe envolve o pescoço com os braços e o puxa para a cama, a imaginação tolda-lhe por instantes o pensamento.

– Ainda vamos para fora este fim de semana?

Ele liberta-se com relutância.

– Depende de como correr este negócio. Está tudo ainda muito no ar. É possível que tenha de ir a Nova Iorque. Seja como for, que tal jantarmos na quinta-feira? Escolhes tu o restaurante – diz pegando no equipamento da moto que está atrás da porta.

Ela semicerra os olhos.

– Jantar... Com ou sem o Mr. BlackBerry?

– O quê?

– O Mr. BlackBerry faz-me sentir um autêntico pau de cabeleira. – Beicinho de novo. – É como se houvesse sempre uma terceira pessoa a competir pela tua atenção.

– Eu ponho-o em silêncio.

– Will Traynor! – resmunga ela. – Tem de haver uma altura em que possas desligar.

– Ontem à noite desliguei-o, não desliguei?

– Apenas sob extrema coação.

Ele resmunga.

– Ai agora é assim que lhe chamamos? – Enfia rapidamente o equipamento. E o feitiço de Lissa sobre a sua imaginação é finalmente quebrado. Atira o blusão da moto para cima do braço e lança-lhe um beijo ao sair.

Tem vinte e duas mensagens no *BlackBerry*, a primeira das quais tinha chegado de Nova Iorque às 03h42. Um problema jurídico

qualquer. Apanha o elevador para o parque de estacionamento subterrâneo ao mesmo tempo que tenta pôr-se a par dos acontecimentos da noite anterior.

– Bom-dia, Mr. Traynor.

O segurança sai do seu cubículo, destinado a protegê-lo do mau tempo, apesar de aqui em baixo não haver necessidade dessa proteção. Will às vezes pergunta-se o que será que ele faz ali em baixo, especado, a olhar para o circuito fechado de televisão e para os para-choques reluzentes de carros de 60 000 libras que nunca estão sujos.

Aconchega o blusão de cabedal aos ombros. – Como está o tempo lá fora, Mick?

– Terrível. Chove a potes.

Will para. – A sério? Não está mesmo tempo para levar a moto?

Mick abana a cabeça. – Não, senhor. A menos que tenha alguma proteção insuflável. Ou queira morrer.

Will fica a olhar para a moto e depois despe o blusão. Apesar do que Lissa possa pensar, não é o tipo de homem que acredita que vale a pena correr riscos desnecessários. Abre a mala superior da moto e coloca lá o equipamento, fechando-a em seguida e atirando as chaves a Mick, que as apanha só com uma mão sem dificuldade.

– Meta-as por baixo da minha porta, está bem?

– Está bem. Quer que chame um táxi?

– Não. Não faz sentido ficarmos os dois encharcados.

Mick carrega no botão para abrir o portão automático e Will sai, acenando a agradecer. As primeiras horas da manhã cercam-no de escuridão e trovões, e o trânsito no centro de Londres já está compacto e lento apesar de mal passar das sete e meia. Puxa a gola para cima, agasalhando o pescoço, e desce a rua a passos largos em direção ao cruzamento, onde tem mais probabilidades de apanhar um táxi. As ruas estão escorregadias de tanta água, com a luz parda-centa a refletir-se no passeio como num espelho.

Pragueja em silêncio enquanto vai olhando para as outras pessoas, todas impecáveis nos seus fatos completos, paradas na berma do passeio. Desde quando é que Londres em peso começou a levantar-se tão cedo? Tiveram todos a mesma ideia.

No momento em que tenta encontrar o melhor sítio para se posicionar, toca o telefone. É Rupert.

– Vou a caminho. Estou só a tentar apanhar um táxi.

Avista um com uma luz cor de laranja a aproximar-se do outro lado da rua e começa a avançar rapidamente para ele, esperando que mais ninguém o tenha visto. Um autocarro passa ruidosamente seguido de um camião cujos travões fazem tal chiadeira que não o deixam ouvir as palavras de Rupert.

– Não te consigo ouvir, Rupe – grita ele entre o barulho do trânsito. – Vais ter de repetir.

Ali no meio da confusão, com o trânsito a passar por ele em catadupa, avista a luz cor de laranja a brilhar e ergue a mão livre, na esperança de que o motorista consiga vê-lo por entre a chuva torrencial.

– Tens de ligar ao Jeff em Nova Iorque. Ele ainda está acordado à tua espera. Ontem à noite estivemos a tentar ligar-te.

– O que é que se passa?

– Uma dificuldade jurídica. Duas cláusulas que eles estão a bloquear em conformidade com a secção... assinatura... papéis... – A voz é abafada por um carro que passa com os pneus a chiar nos lençóis de água.

– Não ouvi o que disseste agora.

O táxi vê-o e começa a abrandar, lançando uma chuva de salpicos à medida que afrouxa do lado oposto da rua. Will repara no homem mais à frente que abranda a corrida ao perceber, dececionado, que ele vai chegar lá primeiro. Will sente uma secreta sensação de triunfo.

– Olha, diz à Cally que ponha a papelada em cima da minha secretária – grita. – Estou aí daqui a dez minutos.

Olha nos dois sentidos e depois encolhe a cabeça e atravessa a rua a correr, cobrindo os últimos metros que o separam do táxi, já com «Blackfriars» na ponta da língua. A chuva começa a infiltrar-se entre a gola e a camisa. Quando chegar ao escritório estará completamente encharcado só de percorrer aquela distância tão curta. Talvez tenha de pedir à secretária que lhe vá comprar outra camisa.

– E temos de resolver essa questão antes que o Martin chegue...

Levanta os olhos ao ouvir um som estridente, o violento toque de uma buzina. Vê à sua frente o guarda-lamas do táxi preto reluzente com o motorista já a baixar o vidro e, no limite do seu campo de visão, algo que não consegue perceber bem o que é, algo a vir direito a ele a uma velocidade alucinante.

Vira-se e naquele milionésimo de segundo apercebe-se de que aquilo está no seu caminho e de que não vai de maneira nenhuma conseguir sair-lhe da frente. A mão abre-se-lhe com a surpresa, deixando cair o *BlackBerry* ao chão. Ouve um grito, talvez o seu próprio grito. A última coisa que vê é uma luva de couro, uma cara debaixo de um capacete, o choque nos olhos do homem que espelham o seu próprio choque. Segue-se uma explosão e tudo se fragmenta.

E depois nada.

1

2009

São 158 passos desde a paragem de autocarro até casa, mas podem ascender a 180 se não estivermos com pressa e se estivermos, por exemplo, a usar sapatos de plataforma. Ou sapatos comprados numa loja de caridade, daqueles que têm borboletas nos dedos dos pés, mas que não aderem bem ao calcanhar, o que explica a razão por que estavam à venda ao preço irrisório de 1,99 libras. Dobrei a esquina da nossa rua (68 passos) e avistei logo a casa – um casa geminada de cinco assoalhadas numa fiada de outras casas geminadas de quatro e cinco assoalhadas. O carro do meu pai estava cá fora, o que significa que ainda não tinha saído para o trabalho.

Nas minhas costas, o sol estava a pôr-se atrás do castelo de Stortfold, que projetava a sua sombra escura colina abaixo como cera derretida para me apanhar. Quando era pequena, costumávamos travar duelos com as nossas sombras alongadas e fingíamos que a nossa rua era o *O.K. Corral*. Se fosse outro dia qualquer, podia contar-lhes todas as coisas que me aconteceram neste itinerário: onde o meu pai me ensinou a andar de bicicleta sem rodas de apoio; onde a Mrs. Doherty, com a peruca às três pancadas, costumava fazer-nos bolinhos galeses; onde a Treena meteu a mão numa sebe, quando tinha 11 anos, espantando um ninho de vespas que nos fez desatar a fugir aos gritos pela estrada fora até ao castelo.

O triciclo do Thomas estava de pernas para o ar no meio do caminho de acesso e, fechando o portão atrás de mim, puxei-o para

o alpendre e abri a porta. O calor atingiu-me com a força de um *airbag*; a minha mãe é muito friorenta e mantém o aquecimento ligado durante todo o ano. O meu pai está sempre a abrir as janelas e a queixar-se de ela nos ter levado a todos à ruína. Diz que as nossas contas do aquecimento são mais elevadas do que o PIB de um pequeno país africano.

– És tu, querida?

– Sou.

Pendurei o casaco no cabide, onde teve de lutar para arranjar espaço entre os outros.

– Qual delas? A Lou? Ou a Treena?

– A Lou.

Espreitei pela porta da sala. O meu pai estava com a cara encostada ao sofá e o braço enfiado entre as almofadas, como se estas o tivessem engolido por inteiro. O Thomas, o meu sobrinho de 5 anos, estava de cócoras a observá-lo atentamente.

– Lego. – O meu pai virou-se para mim, vermelho do esforço. – Porque é que fazem estas malditas peças tão pequenas é que eu não entendo. Por acaso viste o braço esquerdo do Obi-Wan Kenobi?

– Estava em cima do leitor de DVD. Acho que ele trocou os braços do Obi pelos do Indiana Jones.

– Bem, então agora o Obi não pode de maneira nenhuma ter braços beges. Temos de ficar com os braços pretos.

– Se fosse a ti não me preocupava. O Darth Vader não cortou o braço no segundo episódio? – Apontei para a minha cara, para o Thomas me vir dar um beijo. – Onde está a mãe?

– Lá em cima. E esta?! Uma moeda de duas libras!

Olhei para cima, o suficiente para ouvir o estalido familiar da tábua de passar a ferro. Josie Clark, a minha mãe, nunca se sentava. Era um ponto de honra. Chegou a estar em cima de um escadote a pintar as janelas, parando de vez em quando para nos acenar enquanto nós íamos comendo o assado.

– Não te importas de procurar esse maldito braço por mim? Ele já me pôs atrás disto há meia hora e eu tenho de me preparar para ir trabalhar.

– Estás a fazer noite?

– Estou. São cinco e meia.

Olhei para o relógio. – Por acaso até são quatro e meia.

Tirou o braço do meio das almofadas e olhou de soslaio para o relógio.

– Então o que estás a fazer em casa tão cedo?

Abanei vagamente a cabeça, como se não tivesse percebido bem a pergunta e fui para a cozinha.

O meu avô estava sentado na sua cadeira ao pé da janela, a estudar um *sudoku*. A assistente social tinha-nos dito que seria bom para a concentração e que o ajudaria depois dos ataques. Parecia-me que eu era a única a reparar que ele se limitava a preencher as casas todas com qualquer número que lhe viesse à cabeça.

– Olá, avô.

Ele ergueu os olhos e sorriu.

– Queres uma chávena de chá?

Ele abanou a cabeça e entreabriu a boca.

– Uma bebida fresca?

Confirmou com um aceno de cabeça.

Abri a porta do frigorífico. – Não há sumo de maçã. – O sumo de maçã, lembrei-me, era muito caro. – *Iced Tea*?

Ele abanou a cabeça.

– Água?

Concordou com um aceno e, quando lhe dei o copo, murmurou qualquer coisa que talvez fosse um obrigado.

A minha mãe entrou com um enorme cesto de roupa extremamente bem dobrada.

– Estas são tuas? – perguntou, agitando no ar um par de meias.

– São da Treena, acho eu.

– Também me pareceu. Que cor estranha. Acho que devem ter sido lavadas com aquele pijama arroxeadado do pai. Chegaste cedo. Vais a algum lado?

– Não. – Enchi um copo com água da torneira e bebi.

– O Patrick vem cá logo? Ele ligou para cá hoje. Tinhas o telemóvel desligado?

– Hum.

– Ele disse que está a tratar da marcação das vossas férias. O teu

pai diz que ele viu qualquer coisa na televisão. Onde é que disseste que gostavas de ir? Ipsos? Kalypsos?

– Skiathos.

– É isso. Tens de escolher o hotel com cuidado. Podes fazer isso pela Internet. Ele e o teu pai viram qualquer coisa nas notícias da hora de almoço. Ao que parece metade dos hotéis em promoção são autênticos estaleiros e só ias saber quando lá chegasses.

»Pai, não queres uma chávena de chá? A Lou não te ofereceu uma?

Pôs a chaleira ao lume e olhou para mim. Talvez tenha finalmente percebido que eu não tinha dito nada.

– Estás bem, querida? Estás tão pálida.

Pôs-me a mão na testa para ver a temperatura, como se eu tivesse muito menos do que 26 anos.

– Acho que não vamos de férias.

A mão da minha mãe imobilizou-se e o seu olhar tinha aquela espécie de raios X que ainda se mantinha desde que eu era criança.

– Tu e o Pat estão com algum problema?

– Mãe, eu...

– Eu não estou a tentar interferir. Só que vocês já passaram por muito juntos. É normal que de vez em quando as coisas não corram tão bem. Quer dizer, eu e o teu pai, nós...

– Perdi o emprego.

A minha voz perfurou o silêncio. As palavras ficaram a pairar na pequena cozinha, a cauterizarem-se a si mesmas até muito depois de o som ter desaparecido.

– Tu o quê?

– O Frank vai fechar o café. A partir de amanhã.

Estendi a mão com o envelope ligeiramente húmido que eu tinha vindo a segurar em estado de choque durante todo o caminho até casa. Todos os 180 passos desde a paragem de autocarro.

– Ele deu-me 3 meses de salário.

O dia tinha começado como qualquer outro dia. Toda a gente que eu conhecia detestava as manhãs de segunda-feira, mas a mim nunca me chatearam. Gostava de chegar cedo ao The Buttered Bun, aquecer o enorme samovar ao canto da sala, trazer das traseiras o

pão e as grades de leite e conversar com o Frank enquanto nos preparávamos para abrir.

Gostava do calor do café misturado com o cheiro fumado do *bacon*, das lufadas de ar frio quando a porta se abria e fechava, do murmúrio das conversas e, quando não havia muito movimento, da música estridente que vinha do canto onde estava o rádio do Frank. Não era um café da moda – tinha as paredes cobertas de imagens do castelo empoleirado no alto da colina, as mesas ainda tinham tampo de fórmica e a ementa era a mesma desde que eu lá tinha começado a trabalhar, salvo algumas alterações na variedade de chocolates e a introdução de *brownies* e *muffins* de chocolate na variedade de bolos com glacé.

Mas, acima de tudo, gostava dos clientes. Gostava do Kev e do Angelo, os canalizadores que vinham quase todas as manhãs e gostavam de se meter com o Frank sobre a provável origem da carne. Gostava da senhora Dente-de-leão, assim apelidada pelo seu tufo de cabelo branco, que comia um ovo com batatas fritas de segunda a quinta e se sentava a ler os jornais grátis e a beber paulatinamente duas chávenas de chá. Sempre fiz um esforço para conversar com ela. Desconfiava que talvez fosse a única conversa que a idosa senhora teria durante todo o dia. Gostava dos turistas, que ali paravam a caminho do castelo ou no regresso, dos alunos barulhentos que lá entravam depois das aulas, dos clientes habituais dos escritórios do outro lado da rua, e da Nina e da Cherie, as cabeleireiras, que sabiam as calorias que tinha cada um dos produtos à venda no The Buttered Bun. Nem os clientes chatos me incomodavam, como aquela mulher de cabelo ruivo, a gerente da loja de brinquedos, que discutia o troco pelo menos uma vez por semana.

Vi relações começarem e acabarem naquelas mesas, crianças transferidas entre pais divorciados, o alívio oculto daqueles pais que não eram capazes de cozinhar e o prazer secreto dos reformados diante de um pequeno-almoço preparado. Entravam ali todas as espécies de pessoas e muitas delas partilhavam comigo algumas palavras, trocavam piadas ou comentários por cima das canecas de chá fumegante. O meu pai sempre disse que nunca sabia o que me iria sair pela boca fora, mas no café isso não importava.

O Frank gostava de mim. Era calmo por natureza e dizia que ter-me ali mantinha o local vivo. Era um pouco como ser empregada de um bar, mas sem o incômodo dos bêbedos.

Mas naquela tarde, depois de terminar a confusão do almoço e com o local rapidamente vazio, o Frank, limpando as mãos ao avental, saiu de detrás da chapa elétrica e virou para a rua a pequena placa que dizia FECHADO.

– Pronto, pronto! Vá lá! Eu já te tinha dito. Os extras não estão incluídos no salário mínimo. – O Frank era, tal e qual como o meu pai dizia, tão esquisito como um gnu azul. Ergui os olhos.

E ele não estava a sorrir.

– Ui, ui. Não voltei a pôr sal nos açucareiros, pois não?

Estava a torcer um pano da loiça entre as mãos e tinha o ar mais constrangido que alguma vez lhe tinha visto. Por breves instantes, pensei que alguém tivesse feito queixa de mim. Mas ele fez-me logo sinal para me sentar.

– Desculpa, Louisa – disse então. – Mas eu vou voltar para a Austrália. O meu pai não anda muito bem e parece que o castelo vai definitivamente começar a servir comes e bebes. A catástrofe é iminente.

Acho que me limitei a ficar ali parada, boquiaberta. E a seguir o Frank entregou-me o envelope e respondeu à minha pergunta antes mesmo de eu a formular.

– Eu sei que nós nunca tivemos... isto é, um contrato formal nem nada, mas eu queria que ficasses bem. Tens aí três meses de salário. Fechamos amanhã.

– Três meses! – explodiu o meu pai, enquanto a minha mãe me enfiava uma caneca de chá com açúcar nas mãos. – Bem, mas que generosidade a dele, tendo em conta que ela trabalhou como uma moura naquele sítio durante os últimos seis anos.

– Bernard! – A minha mãe lançou-lhe um olhar de aviso, acenando na direção do Thomas. Os meus pais tomavam conta dele todos os dias depois da escola até a Treena sair do trabalho.

– Mas que raio é que ela vai fazer agora? Ele podia pelo menos tê-la avisado com antecedência.

– Bem... vai ter de arranjar outro emprego.

– Não há empregos, Josie. Tu sabes disso tão bem como eu. Estamos no meio de uma maldita recessão.

A minha mãe fechou os olhos por um instante, como se se estivesse a recompor, antes de dizer:

– Ela é uma rapariga esperta. Vai conseguir arranjar alguma coisa. Tem um percurso profissional sólido, não tem? O Frank vai dar-lhe boas referências.

– Ora, grande treta... «A Louisa Clark é muito boa a barrar torradinhas com manteiga e é especialista em fazer chá.»

– Obrigada pelo voto de confiança, pai.

– Só estou a dizer.

Eu sabia qual era a verdadeira preocupação do meu pai. Eles contavam com o meu salário. A Treena não ganhava quase nada na loja das flores. A minha mãe não podia trabalhar porque tinha de tratar do meu avô e a reforma dele era minúscula. O meu pai vivia em constante ansiedade relativamente ao seu emprego na loja de móveis. Há meses que o patrão falava em possíveis despedimentos. Havia murmúrios em casa sobre dívidas e malabarismos com cartões de crédito. Dois anos antes, o carro do meu pai tinha ido para a sucata por causa de um condutor sem seguro e, de certo modo, isso foi suficiente para que o edifício periclitante em que se tinham transformado as finanças dos meus pais finalmente se desmoronasse. O meu modesto salário constituía a pequena base da nossa economia doméstica, o suficiente para ajudar a família a sobreviver semana após semana.

– Não vamos precipitar-nos. Amanhã ela pode ir ao Centro de Emprego ver que ofertas há. Por agora tem que chegue para se desenrascar. – Falavam como se eu não estivesse ali. – E ela é esperta. És esperta, não és, amor? Talvez possa fazer um curso de datilografia. E arranjar emprego num escritório.

Sentei-me enquanto os meus pais discutiam a que empregos eu podia aspirar com as minhas limitadas qualificações: operária, operadora de máquinas ou a barrar pãezinhos com manteiga. Pela primeira vez naquela tarde apeteceu-me chorar. O Thomas olhava-me com os seus olhos grandes e redondinhos e, em silêncio, deu-me metade de uma bolacha empapada.

– Obrigada, Tommo – e, metendo-a silenciosamente na boca, comi-a.

Ele estava no clube de atletismo, tal como eu suspeitava. De segunda a quinta, tão regular como os horários das estações, lá estava o Patrick no ginásio ou a correr à volta do circuito artificialmente iluminado. Desci as escadas, abraçando-me para me proteger do frio, e encaminhei-me lentamente para o circuito, acenando-lhe quando ele se aproximou para ver quem era.

– Anda correr comigo – disse ele ofegante à medida que se aproximava. A sua respiração transformava-se em nuvens esbranquiçadas. – Faltam-me quatro voltas para me ir embora.

Hesitei um momento, mas depois comecei a correr ao seu lado. Era a única maneira de conseguir ter uma conversa com ele. Tinha calçado os meus ténis cor-de-rosa com os atacadores turquesa, os únicos sapatos com que conseguia correr.

Tinha passado a tarde em casa, a tentar ser útil, mas ainda não tinha passado uma hora e já me parecia que estava sempre no caminho da minha mãe. Ela e o meu avô tinham as suas rotinas e ter-me ali interferia com elas. O meu pai estava a dormir, porque este mês estava a fazer noites e não podia ser incomodado. Arrumei o meu quarto e depois sentei-me a ver televisão com o volume baixo, e quando volta e meia me lembrava por que razão estava em casa a meio do dia sentia uma dor súbita no peito.

– Não estava a contar contigo.

– Fartei-me de estar em casa. Pensei que pudéssemos fazer alguma coisa.

Olhou-me de lado. Tinha a cara coberta por uma fina camada de suor.

– Quanto mais depressa conseguires arranjar emprego, melhor, querida.

– Só passaram vinte e quatro horas desde que perdi o último. Será que não posso ficar um bocadinho deprimida e indolente? Sabes, só por hoje?

– Mas tens de ver o lado positivo de tudo isto. Tu sabias que não

podias ficar naquele sítio para sempre. O caminho é para cima... e em frente.

Dois anos antes o Patrick tinha sido nomeado Jovem Empresário do Ano de Stortfold e ainda não tinha recuperado totalmente de tão grande honra. Desde então tinha adquirido um sócio, o Ginger Pete – oferecendo treino pessoal a clientes num raio de 40 quilómetros – e duas carrinhas a crédito com as cores da empresa. Tinha também um quadro branco no escritório, onde gostava de rabiscar com grossos marcadores pretos a projeção do seu volume de negócios, recolocando e retificando os números até o satisfazerem. Nunca percebi se aqueles números tinham alguma semelhança com a realidade.

– Ser despedido pode mudar a vida de uma pessoa, Lou. – Olhou para o relógio para controlar o tempo da volta. – O que é que tu queres fazer? Podias fazer uma reconversão profissional. Tenho a certeza de que atribuem bolsas a pessoas como tu.

– Pessoas como eu?

– Pessoas que estão à procura de uma nova oportunidade. O que queres ser? Podias ser esteticista. És suficientemente bonita – disse enquanto corríamos, dando-me um toque de cotovelo, como se eu devesse sentir-me grata pelo elogio.

– Tu conheces a minha rotina de beleza. Água, sabão, às vezes um saco pela cabeça abaixo...

O Patrick estava a começar a dar sinais de exasperação. E eu estava a começar a ficar para trás. Detesto correr. E detestava-o por ele não abrandar.

– Olha... assistente de loja. Secretária. Agente imobiliária. Não sei... deve haver alguma coisa que queiras fazer.

Mas não havia. Eu gostava do meu trabalho no café. Gostava de saber tudo o que havia para saber sobre o The Buttered Bun e de ouvir sobre as vidas das pessoas que por ali passavam. Ali sentia-me confortável.

– Não podes ficar assim abatida, querida. Tens de ultrapassar isso. Todos os grandes empresários começaram por baixo para chegar ao topo. Com o Jeffrey Archer foi assim. E com o Richard Branson também. – Deu-me uma palmadinha no braço para me incentivar.

– Duvido que o Jeffrey Archer tenha sido despedido de um emprego onde fazia bolinhos para o chá.

Eu já estava a ficar sem fôlego. E não levava um *soutien* apropriado. Abrandei, deixando cair as mãos sobre os joelhos.

Ele virou-se e começou a correr para trás, com a voz a propagar-se no ar parado e frio. – Mas se ele tivesse... estava só a comentar. Dorme sobre o assunto, põe um vestido elegante e vai até ao Centro de Emprego. Ou então ensino-te a trabalhar comigo, se gostares. Rende bom dinheiro. E não te preocupes com as férias. Eu pago.

Sorri-lhe.

Atirou-me um beijo e a sua voz ecoou pelo estádio vazio. – Podes pagar-me depois quando recuperares.

Fiz o meu primeiro pedido de subsídio de desemprego. Fui submetida a uma entrevista individual de 45 minutos e a uma entrevista coletiva, onde me sentei com um grupo contrastante de cerca de vinte homens e mulheres, metade dos quais tinham a mesma expressão, de um certo aturdimento, que eu suspeitava ter também, e a outra metade um ar ausente e desinteressado, de quem já ali tinha ido vezes de mais. Eu tinha vestido aquilo que o meu pai considerava as minhas roupas «civilizadas».

Como resultado destes esforços, tive de preencher uma breve vaga num turno noturno de uma indústria alimentar de galinhas (o que me provocou pesadelos durante semanas) e passar dois dias numa formação para conselheira de energia doméstica. Depressa percebi que o que eu estava era a ser treinada para confundir os idosos e convencê-los a mudarem de fornecedor de energia e disse ao Syed, o meu «conselheiro» pessoal, que não era capaz de fazer aquele trabalho. Como ele insistiu que eu continuasse, enumerei algumas das tarefas que eles me tinham pedido para fazer, ao ponto de se calar e sugerir que nós (era sempre «nós», apesar de ser bastante óbvio que um destes «nós» *tinha* um emprego) procurássemos outra coisa.

Trabalhei duas semanas numa cadeia de *fast food*. O horário era bom, conseguia suportar o facto de o uniforme me encher o cabelo de eletricidade estática, mas era para mim impossível cingir-me ao guia

de «frases apropriadas» como «Em que posso ajudar?» ou «Gostaria de batatas fritas para acompanhar?». Mandaram-me embora quando uma das empregadas me apanhou a debater com uma criança de 4 anos os vários méritos dos brinquedos oferecidos. O que posso eu dizer? Era uma menina de 4 anos muito esperta. Eu também achava que as Belas Adormecidas eram parvas.

Agora submetia-me à minha quarta entrevista enquanto o Syed procurava no ecrã tátil mais «oportunidades» de emprego. Até o Syed, que tinha aquele comportamento sempre alegre de quem já tinha encaminhado os candidatos mais improváveis para um emprego, começava a dar mostras de cansaço.

– Hum... Já alguma vez pensou enveredar pela indústria do entretenimento?

– O quê, tipo pantomima?

– Por acaso não. Mas há uma vaga para dançarina de verão. Várias, até.

Arqueei uma sobranceira. – Diga-me que está a brincar, por favor.

– São 30 horas por semana em regime de trabalhador independente. Acredito que as gorjetas sejam boas.

– Por favor, por favor, diga-me que não acabou de me aconselhar a aceitar um trabalho que envolve exhibir-me em roupa interior diante de estranhos.

– Disse-me que era boa a lidar com as pessoas. E parece gostar de... roupa... teatral. – Lançou um olhar aos meus *collants*, que eram verdes e brilhantes. Pensei que me pudessem animar. O Thomas tinha passado todo o pequeno-almoço a cantarolar por entre dentes a música da *Pequena Sereia*.

O Syed datilografou alguma coisa no teclado. – Que acha de «supervisora de um *chat* para adultos»?

Fiquei pasmada a olhar para ele.

Ele encolheu os ombros. – Disse que gostava de conversar com as pessoas.

– Não. E não ao trabalho de ter de andar seminua num bar. Nem massagista. Nem operadora de *webcam*. Va lá, Syed. Deve haver

alguma coisa que eu possa fazer que não provoque nenhum ataque de coração ao meu pai.

Isto pareceu deixá-lo perplexo.

– Não sobra muita coisa além de oportunidades de horas flexíveis no setor do retalho.

– Reposição de material em horário noturno? – Já ando aqui há tempo suficiente para falar a linguagem deles.

– Mas tem uma lista de espera. Os pais têm tendência a optar por este tipo de trabalho por causa do horário escolar – disse ele, apologetico. Voltou a estudar o ecrã. – Só nos resta mesmo a prestação de cuidados.

– Limpar os rabos aos velhinhos.

– Lamento, Louisa, mas não está qualificada para muito mais. Se quiser fazer reconversão profissional, terei muito gosto em encaminhá-la na direção certa. Há imensos cursos no Centro de Educação de Adultos.

– Mas já falámos sobre isso, Syed. Se eu fizer isso, perco o meu subsídio de desemprego, não é?

– Se não estiver disponível para trabalhar, perde.

E ali ficámos os dois sentados em silêncio por uns instantes. O meu olhar fixou-se nas portas, onde estavam dois corpulentos seguranças, e pus-me a pensar se teriam conseguido aquele trabalho através do Centro de Emprego.

– Não tenho lá muito jeito para idosos, Syed. O meu avô vive lá em casa desde que teve os AVC e eu não consigo lidar com ele.

– Ah! Então tem alguma experiência na prestação de cuidados.

– Nem por isso. É a minha mãe que lhe faz tudo.

– E a sua mãe gostaria de arranjar emprego?

– Que engraçadinho.

– Não estou a tentar ser engraçado.

– E deixar-me a mim a cuidar do meu avô? Não, obrigada. É tanto por ele como por mim, aliás. Não há nenhuma vaga em cafés?

– Não me parece que restem muitos cafés que lhe possam dar trabalho, Louisa. Podemos tentar no Kentucky Fried Chicken. É capaz de se dar melhor lá.

– Acha que me vou sair melhor a oferecer um *Bargain Bucket*¹ do que um *Chicken McNugget*²? Não me parece.

– Bem, então acho que vamos ter de procurar mais longe.

– Só há quatro autocarros que vão para fora da vila. O senhor sabe disso. E eu sei que me disse que devia procurar o autocarro turístico, mas eu liguei para a central e disseram-me que esse parte às 17h00. Além disso, é duas vezes mais caro do que o autocarro normal.

Syed recostou-se na cadeira. – Nesta altura do campeonato, Louisa, preciso mesmo de lhe lembrar que, como pessoa saudável e capaz que é, para continuar a qualificar-se para receber o seu subsídio precisa de...

– ... de mostrar que estou a tentar encontrar um emprego. Eu sei.

Como é que eu podia explicar a este homem o quanto queria trabalhar? Será que ele fazia ideia do quanto eu tinha saudades do meu antigo emprego? O desemprego tinha-se tornado num conceito monocordicamente repetido nos noticiários a propósito de estaleiros e da indústria automóvel. Eu nunca imaginei que se pudesse perder um emprego da mesma forma que se perde um braço ou uma perna – uma coisa constante e reflexiva. Nunca tinha pensado que, tal como os medos óbvios relativamente ao dinheiro e ao futuro, perder um emprego pudesse fazer uma pessoa sentir-se inadequada e meia inútil. Que seria muito mais difícil levantarmos de manhã do que quando o despertador nos acordava abruptamente. Que pudéssemos ter saudades das pessoas com quem trabalhávamos, independentemente do pouco que tivéssemos em comum com elas. Ou que pudéssemos dar por nós a ir pela rua à procura de rostos conhecidos. A primeira vez que vi a Sra. Dente-de-leão a vaguear e a olhar para as montras com um ar tão inútil como eu me sentia, tive de conter o impulso de ir ter com ela e dar-lhe um abraço.

A voz do Syed interrompeu o meu devaneio. – Ah. Isto sim, talvez sirva.

¹ Menu de frango panado e batatas fritas da cadeia Kentucky Fried Chicken (CFK).

² Menu de bolinhos de frango panados da cadeia McDonald's. (*N. das T.*)

Tentei espreitar para o ecrã.

– Acabou de chegar. Neste preciso momento. Vaga para prestação de cuidados.

– Eu disse-lhe que não tinha muito jeito para...

– Não se trata de idosos. É uma... vaga numa casa particular. Para ajudar alguém na sua própria casa e a morada é a menos de dois quilómetros da sua. «Cuidados e companhia a homem incapacitado.» Tem carta de condução?

– Tenho. Mas vou ter de lhe limpar o...

– Não falam de limpeza de rabo, tanto quanto sei. – Ele voltou a varrer o ecrã com o olhar. – É um tetraplégico. Precisa de alguém durante o dia que lhe dê de comer e lhe preste cuidados. Neste tipo de trabalho trata-se normalmente de estar lá quando essas pessoas precisam de ir algum lado, ajudando-as nas coisas básicas que elas não conseguem fazer. Uau. E é um bom dinheiro. Bastante mais do que o salário mínimo.

– Deve ser porque implica limpar-lhe o rabo.

– Eu vou ligar-lhes para confirmar se não é preciso limpar-lhe o rabo. Mas se for o caso, vai na mesma à entrevista?

Aquilo soou como se fosse uma pergunta.

Mas ambos sabíamos qual era a resposta.

Suspirei e peguei no meu saco, preparando-me para voltar para casa.

– Meu Deus! – disse o meu pai. – Dá para acreditar? Como se não fosse castigo suficiente acabar numa maldita cadeira de rodas, ainda tem de apanhar com a nossa Lou a fazer-lhe companhia.

– Bernard! – repreendeu-o a minha mãe.

Atrás de mim, o meu avô riu-se para dentro da caneca de chá.